



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## DA PARÁFRASE AO CTRL C + CTRL V

Rafael Guimarães Silva (UFMG)

**RESUMO:** A citação consiste numa prática discursiva por meio da qual é possível estabelecer um diálogo entre diferentes textos e contextos, seja em suas intenções polêmicas, seja em harmonia com relação a determinados autores, habilitando-se a suscitar novas ideias e desenvolvimentos teóricos. Com o intuito de questionar essa noção básica, retomo alguns pontos anteriormente desenvolvidos a partir das teses do círculo de Bakhtin acerca da natureza da linguagem. Na sequência, proponho reconsiderações sobre as formas mais comuns de citação – retomando um breve catálogo que já elaborara para as mesmas – e proponho novos desdobramentos sobre textos que empregam em sua composição alguma forma de citação, seja em paráfrase, seja em remissão direta ao discurso alheio. Revisito sucintamente alguns casos clássicos dessa tradição – Homero e Platão, principalmente na difícil relação entre esses autores tal como se desenvolve na *República* – e encerro com algumas considerações sobre certas práticas contemporâneas a fim de acenar para a possibilidade de uma “ética da leitura”.  
Palavras-chave: Citação. Bakhtin. Filosofia da linguagem.

Proponho uma breve retomada de algumas ideias anteriormente desenvolvidas por mim – principalmente em trabalhos nos quais atentava para procedimentos de composição e leitura adotados por Platão em seus diálogos filosóficos – a fim de avançar certas considerações acerca da prática da citação ainda hoje (principalmente no discurso acadêmico). Para isso, começo aqui evocando um estudo anterior, no qual me propunha a ler o emprego de certa citação homérica por Platão, quando afirmava o seguinte:

O recurso da citação sempre foi imprescindível para o desenvolvimento de um *lógos* capaz de se estabelecer explicitamente enquanto diálogo, não apenas com seu próprio tempo, mas com a tradição que o precede. Quer tenha sido movida por intenções agônicas, ou por uma reverência quase hierofântica com relação a determinados autores, toda a tradição epistemológica foi construída a partir do retorno às palavras de precursores eleitos para uma nova *mise-en-scène*. (SILVA, 2015, p. 74)

Ainda que eu esteja de acordo com os termos principais dessa proposição, creio ser preciso voltar a ela e esboçar certas diferenças advindas de novos textos. Desejo

desdobrar algo que aí se apresenta de forma ainda incipiente, qual seja, a diversidade de funções que uma citação pode assumir no interior de um determinado discurso [lógicos]. Para isso, partirei de certa concepção da linguagem, retomarei um catálogo das formas mais recorrentes de citação (tal como proposto por mim num trabalho anterior) e interpretarei alguns textos a partir desses passos iniciais.

A consideração fundamental sobre a natureza dialógica da linguagem – consideração subjacente às palavras de minha citação – tem uma de suas manifestações mais acabadas na filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin.<sup>1</sup> Ainda que eu não queira desenvolver todas as implicações desse pensamento, é importante lembrar que, partindo dos trabalhos de Marx, ele critica de forma contumaz os principais posicionamentos teóricos no campo da linguística de seu tempo. Com vistas a isso, é possível partir das seguintes palavras:

De fato, a forma linguística [...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 1995, p. 95)

Em tais palavras, revela-se a necessidade de se trabalharem os fenômenos linguísticos a partir de uma ótica *relacional*. No fim do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, o próprio autor se volta para essa questão da citação, mas propõe juízos dos quais me distancio, na medida em que seu objetivo é esboçar uma teoria que dê conta desse fenômeno em sua dimensão literária (a maior parte dos exemplos sendo tirada da obra de Dostoievski). Por outro lado, o meu objetivo com as considerações que ora apresento é pensar a prática da citação como um recurso epistemológico, principalmente em seu emprego contemporâneo no discurso acadêmico, que implica uma ética da leitura. Não pretendo trabalhar com categorias estanques de um “discurso sério” contraposto a um “discurso ficcional” – ou com expressões que se lhes assemelhem –, mas com registros de linguagem específicos, cujas pretensões são assumidamente

---

<sup>1</sup> Embora seja uma questão importante, não pretendo problematizar a atribuição de textos do círculo de Bakhtin (o livro em questão foi publicado originalmente sob o nome de Volochinov, mas em sua tradução brasileira veio atribuído a Bakhtin).

epistemológicas.<sup>2</sup> Para isso, pretendo me questionar se toda citação – *enquanto* citação – estabelece um diálogo de fato no coração do discurso.

A citação consiste, em linhas gerais, num enunciado que – pronunciado em certo contexto, sobre certo tema, a partir de certo acento apreciativo – é extraído daí para um novo contexto, sendo potencialmente acerca de um novo tema, a partir de um novo acento apreciativo, além de poder vir envolto numa certa orientação apreciativa (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 1995, p. 128-136). Uma vez que a palavra “diálogo” traz a ideia de uma conversa entre dois ou mais discursos, uma citação será dialógica quando – ao retomar certo tema de um enunciado anterior – situa esse enunciado a partir de seu primeiro contexto de enunciação e faz com que a viagem até o novo contexto suscite um novo tema. A conversa entre os temas dentro de uma mesma enunciação é o que institui o dialogismo tornado possível por meio da citação. Que tal suscitar se dê numa relação polêmica ou harmônica para com o outro discurso não é fundamentalmente distintivo (da perspectiva de criação de um efeito dialógico): isso, a que chamo de orientação apreciativa (ainda conforme a nomenclatura avançada em *Marxismo e filosofia da linguagem*), aponta apenas de que forma um discurso se coloca com relação ao outro (ao discurso citado), da mesma forma como um falante se coloca com relação ao outro num diálogo efetivo.

Nesse sentido é possível afirmar o seguinte:

Por conta do que ficou dito acerca do discurso que se faz dialógico por meio da citação, resta claro que também é possível citar de maneira monológica. Haverá monologismo sempre que – seja por adulterar o próprio enunciado de uma citação, seja por ignorar seu contexto de enunciação – um discurso cita um discurso anterior sem *suscitar* qualquer interação temática entre eles. (SILVA, -\*\*, p. 3)

Aproveito para retomar aqui algo desenvolvido anteriormente – a partir de um jogo proposto em parte por Antoine Compagnon, em seu livro *O trabalho da citação*<sup>3</sup> – qual seja, um breve catálogo não exaustivo sobre os modos por que uma citação pode se impor num discurso monológico:<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, o questionamento feito por Miguel Ávila, após a apresentação deste trabalho durante o encontro da ABRALIC, sobre o potencial criativo de mal-entendidos não impugna minha proposta. Mal-entendidos podem ser criativos – e de fato o são, como no caso de inúmeras leituras de Oswald de Andrade, citadas por ele – mas isso não impede que seu emprego da citação seja compreendido como uma prática que envolve uma ética de leitura (ética passível de ser analisada conforme os critérios que aqui proponho).

<sup>3</sup> O autor promove um jogo linguístico entre “citação”, “solicitação” e “excitação”, mas não desenvolve esse expediente para além de um jogo local. Cf. COMPAGNON, 2007, p. 24-29.

<sup>4</sup> Para mais detalhes da fundamentação desse catálogo, cf. SILVA, -\*\*, p. 3.

- i. adulterando o próprio enunciado e ignorando seu contexto de enunciação – a) se sua orientação apreciativa for agônica, será um *atrocitar*; b) se for reverente, será um *felicitar*;
- ii. adulterando o próprio enunciado, mas atentando a seu contexto de enunciação – a) se sua orientação apreciativa for agônica, será um *incitar*; b) se for reverente, será um *excitar*;
- iii. mantendo o mesmo enunciado, mas ignorando seu contexto de enunciação – a) se sua orientação apreciativa for agônica, será um *crocitar*; b) se for reverente, será um *ressuscitar*.

A modificação do enunciado pode se dar pela supressão, introdução ou substituição de termos do enunciado citado. Isso não tem relação propriamente com a paráfrase e a citação por meio de discurso indireto (ainda que tais formas sejam comumente empregadas para promover modificações nos enunciados): com efeito, é possível parafrasear ou citar em discurso indireto tendo respeito ao enunciado e ao contexto de enunciação do discurso do outro. Quando tal respeito se verifica – seja em discurso direto, seja em paráfrase ou discurso indireto – a citação será um *suscitar* (SILVA, -\*\*, p. 4).

A fim de dar um exemplo de emprego desta sucinta teorização sobre os diferentes modos de citar, retomo a análise das estratégias empregadas por um influente pensador helênico antigo e proponho uma breve reflexão sobre o fenômeno em certos autores contemporâneos. Com isso, não pretendo avançar uma comparação entre os dois momentos – ou sugerir algum tipo de analogia entre os textos e os contextos da antiguidade helênica e da contemporaneidade ocidental<sup>5</sup> –, mas indicar a possibilidade de constituição de uma prática e uma ética perante o discurso do outro: minhas leituras, desde a antiguidade até a contemporaneidade e além, pretendem mostrar que todo desenvolvimento da linguagem e do conhecimento se dá por meio do diálogo.

Farei um esboço de leitura da obra de Platão.<sup>6</sup> Não é por acaso que, para exemplificar o catálogo de maneiras monológicas da citação, eu escolha uma das obras da maturidade do filósofo ateniense. Conforme o próprio Bakhtin, o caráter dialógico da

---

<sup>5</sup> Compagnon (2007, p. 96-103), no capítulo “A regulação clássica da escrita ou o texto como homeostase”, propõe uma compreensão diacrônica do desenvolvimento da prática da citação desde a antiguidade até a modernidade, como mecanismo de controle do discurso (controle externo, interno ou ausente). Ainda que seu tratamento seja um tanto quanto superficial, dada a vasta extensão temporal do material lido, sua proposta tem o mérito de uma rápida inteligibilidade da história geral desse processo.

<sup>6</sup> Para uma leitura mais detida e atenta desses trechos, cf. SILVA, -\*\*, p. 4-9.

obra de Platão concentra-se em seus primeiros diálogos (chamados aporéticos). Neles a influência do Sócrates histórico pretensamente seria mais perceptível, enquanto em sua obra tardia haveria uma preponderância monológica responsável por arruinar o próprio dialogismo do “diálogo socrático”.<sup>7</sup> Característico dessa preponderância monológica é o que se vê na *República*, diálogo em que várias são as citações ou alusões a outros poetas e pensadores feitas pelas personagens do diálogo.

No livro 3 da *República* (*Rep.* III, 390a-b), no interior da crítica ao conteúdo dos poemas tradicionais, deparo-me com um Sócrates que cita parcialmente uns versos homéricos, levando a entender que o poeta sugeriria uma moral escandalosa e em contradição com aquilo que ele próprio sugeria. Daí se compreender que Sócrates *atrocita* o trecho homérico, ou seja, cita-o adulterando seu enunciado (aqui por meio da supressão) e ignorando (ou fingindo ignorar) seu contexto de enunciação. O efeito obtido por essa estratégia é chapar o que parece subjazer aos versos homéricos, homogeneizando um enunciado dotado de certas nuances a fim de incorporá-lo de maneira monológica, como se pudesse ser antagonizado de maneira descomplicada pelo discurso de Sócrates.<sup>8</sup>

Estratégia semelhante é empregada também no livro 5 da *República* (*Rep.* V, 468d-e), embora a orientação apreciativa já não seja agônica, mas reverente. No contexto em questão, Sócrates esboça as honras de que os guardas seriam dignos pelo bom desempenho de suas funções bélicas e já não vê problemas em tentar assegurá-las por meio de um recurso à autoridade do mesmo *corpus* de poesia tradicional que anteriormente expurgara. Suprimindo uma pequena passagem, seu discurso apaga as diferenças entre os versos homéricos e o que é defendido por ele: assim homogeneiza-se o enunciado por meio de sua adulteração, em desrespeito a seu contexto de enunciação, a fim de incorporá-lo monologicamente – sugerindo que problematizaria algumas das questões subjacentes ao discurso de Sócrates. Daí se compreender que o filósofo *felicita* os versos homéricos.

Seguindo o mesmo tipo de análise, eu poderia mostrar como ainda no livro 3 (*Rep.* III, 390e) Sócrates *incita* contra o trecho homérico, ou seja, cita-o ignorando seu enunciado, ainda que pareça atentar para seu contexto de enunciação. O efeito obtido por essa estratégia é projetar uma noção inexistente nos versos homéricos,

---

<sup>7</sup> Bakhtin (1970, p. 129) indica-o de modo peremptório, embora autores recentes tendam a modalizar essas distinções entre um Platão, a princípio, mais socrático e, na sequência, um Sócrates mais platônico.

<sup>8</sup> Para uma leitura mais detida dos deslocamentos promovidos por essa citação de Sócrates, cf. ASSUNÇÃO, -\*, p. 11; ASSUNÇÃO, -\*\*, p. 4-5.

desconfigurando um enunciado a fim de incitá-lo contra si próprio (ou ainda, de se incitar contra tal enunciado): mesmo que tal dicotomização tenha ares de um tipo de interação entre os discursos, trata-se ainda de um discurso monológico.

Da mesma forma, no livro 10 (*Rep.* X, 670b), Sócrates – mesmo considerando o contexto possivelmente filosófico onde tais considerações teriam sido desenvolvidas – ignora seus enunciados propriamente ditos. O efeito obtido por essa estratégia é apagar uma nuance que deveria ser levada em conta por toda interpretação atenta ao que se dizia e, principalmente, ao seu *modo* de enunciação (cabe lembrar que Sócrates finge ignorar que os “filósofos” pretensamente envolvidos numa querela contra a poesia empregavam eles próprios modos de expressão eminentemente filosóficos). Por mais que pareça haver uma relação entre aquilo que é citado de forma desfigurada e o próprio discurso que traz tal citação, na verdade há apenas o monologismo de um discurso *excitado*.

Ainda outros dois tipos de citação monológica poderiam ser aventados, nos quais – tendo atenção à reprodução literal do texto citado – manifesta-se um descuido com seu contexto de enunciação que é responsável por esvaziar o enunciado: sendo suas intenções agônicas, ele apenas o *crocita*, sendo elas hierofânticas, ele o *ressuscita*. Tal ponto é tão curioso na *República*, que Sócrates – citando o mesmo trecho da Odisseia – propõe considerações em sentidos opostos (vejam-se os seguintes trechos: *Rep.* III, 386c; VII, 516c ).

Todas essas são formas de citar o discurso do outro por meio de uma incorporação a um discurso monológico,<sup>9</sup> ou seja, num discurso em que se elimina o espaço para o diálogo, seja pela adulteração do enunciado citado, seja pelo descuido com seu contexto de enunciação: *atrocitar*, *felicitar*, *incitar*, *excitar*, *crocitar* e *ressuscitar*. Essas formas de citação encontram sua manifestação mais recorrente e acabada nas obras tardias de Platão, enquanto a maneira dialógica está presente principalmente nos diálogos iniciais, também chamados de socráticos (ou aporéticos): *Apologia*, *Críton*, etc. No âmbito de outro estudo analisei a complexidade implicada pela citação dialógica, oferecendo uma leitura especial de certa passagem do *Críton* (43d-44b), na qual Sócrates citava uma fala de Aquiles, extraída de uma passagem da

---

<sup>9</sup> É preciso salientar que a definição de “monologismo” assumida aqui não é a mesma trabalhada por Jacques Derrida (como, por exemplo, em seu livro *Le monolingüisme de l'autre*), do contrário, tal argumentação poderia ser acusada de tratar como monológico um discurso que seria – mesmo encerrado em si – já dialógico. Citei anteriormente, no início deste texto, a passagem em que avançava a compreensão de “monologismo” aqui trabalhada.

*Iliada* (IX, 363). Não posso retomar aqui os detalhes dessa leitura, mas destaco a parte mais teórica das conclusões:

Por meio da análise de *Críton*, 43d – 44b, acredito ter demonstrado a importância atribuível a uma leitura mais detida de trechos que se valem de citações. Se, por um lado, o contexto do qual a citação foi retirada deve ser levado em consideração pela “nova” leitura, bem como o trecho em que tal citação foi inserida, por outro, é importante se dar conta dos deslocamentos operados pelo seu emprego. Ou seja, é preciso estar atento a (no mínimo) três “níveis” de leitura quando algum texto se vale de uma citação. (SILVA, 2015, p. 191)<sup>10</sup>

A partir disso, embora a teoria aqui avançada sobre as seis principais formas de citação monológica ainda não tivesse sido formalizada, acredito ser possível entrever as razões para que a sétima forma de citação – essa citação que chamo de dialógica – seja apta a *suscitar* tamanha complexidade. Ao trazer o discurso do outro para o coração de seu próprio discurso, tal citação instala um diálogo temático de fato entre dois ou mais enunciados, nas intermitências entre dois ou mais contextos (SILVA, -\*\*, p. 10).

Tal como afirmei inicialmente, pretendo indicar com minhas leituras – desde a antiguidade helênica até a contemporaneidade – a possibilidade de constituição de uma prática e uma ética perante o discurso do outro. Apesar de regras e princípios indicarem a necessidade de se ter atenção ao enunciado e ao contexto de enunciação sempre que se emprega uma citação no discurso em geral – principalmente naquilo de viés epistemológico, como no caso do discurso acadêmico –, a mesma tendência monológica se impõe com uma frequência cada vez maior atualmente.<sup>11</sup>

Ainda que práticas e teorias de leitura desenvolvidas nas últimas décadas apontem a importância de se estabelecer um discurso efetivamente dialógico, na medida de sua atenção aos textos e contextos lidos, é curioso notar que muitos textos escritos pelos mais atentos leitores atualmente sejam vítimas de práticas monologizantes. Independentemente das razões e motivações para tais práticas, o fato é que elas são executadas em suas linhas gerais conforme algumas das seis formas monológicas de citação aqui delineadas e em claro desrespeito aos textos e contextos dos autores citados. É o caso, por exemplo, do que se passou com a obra de Jacques Derrida ou com os trabalhos recentes de Nabil Araújo. No caso do primeiro, é possível evocar a querela

---

<sup>10</sup> Para uma compreensão mais detida do que sugiro aqui, cf. SILVA, 2015, p. 173-194.

<sup>11</sup> Bakhtin já o notava no início do séc. XX, quando escrevia o seguinte: “Mesmo as ciências humanas desenvolveram uma tendência a substituir afirmações responsáveis acerca de um problema por uma descrição do estado atual das pesquisas na área, incluindo cálculo e adução indutiva do “ponto de vista geralmente admitido nos nossos dias”; esse procedimento é mesmo algumas vezes considerado a melhor “solução” possível de um problema.” (BAKHTIN, 1995, p. 195-6).

com Habermas<sup>12</sup> ou a forma como Meschonnic se *incitou* contra ele num de seus livros sobre tradução,<sup>13</sup> entre inúmeros outros exemplos possíveis. No caso do segundo, a situação é ainda mais curiosa: num artigo de 2015, publicado em *O eixo e a roda*, ele era treslido na própria “Apresentação” da revista – “Apresentação” que num único parágrafo talvez consiga acumular as seis formas monológicas de citação.<sup>14</sup> Mas deixo aqui o julgamento ao leitor interessado e apenas o remeto ao artigo de Nabil Araújo (2015a, p. 139-156), à “Apresentação” d’*O eixo e a roda* (FERNANDES; ALVES; GIL, 2015, p. 11-12) e à réplica que o próprio autor se viu obrigado a oferecer a tal “presente de grego” (ARAÚJO, 2015b, p. 118-124).

Se minha proposta de teorização da diversidade de práticas da citação tiver tecido – a partir de sua retomada de considerações anteriores – novas formas de compreensão da linguagem e do conhecimento discursivo, acredito que o leitor estará ciente dos riscos implicados por um discurso que se impõe como monológico – principalmente em seu desrespeito ao discurso do outro – e se inscreverá numa corrente interessada em abrir-se à diversidade dos textos e contextos. Ainda que não seja possível ter um respeito absoluto à alteridade na citação – na medida em que a própria repetição literal não se restringe a uma repetição de fato, como o Pierre Menard de Borges (1971, p. 47-60) bem o indica –, é preciso jogar com a citação sempre com respeito aos textos e contextos do outro, a fim de que o discurso receba um verdadeiro diálogo em seu coração: ainda que este diálogo em algum momento seja entre eu e mim mesmo, como quando começo um texto com uma citação minha, afirmando acreditar “ser preciso voltar a ela e esboçar certas diferenças advindas de novos textos.”

Sustamos aqui nossas considerações, reafirmando que dialogar é acolher o outro no coração do próprio discurso...

## Referências

ARAÚJO, Nabil. Literariedade, Veridicção, Historicidade: Habermas, Derrida e a Questão do ‘Nivelamento da Diferença de Gênero entre Filosofia e Literatura’. In:

---

<sup>12</sup> Para maiores detalhes sobre tal querela – suas motivações, seu desenvolvimento, sua resolução e uma bibliografia a respeito – cf. ARAÚJO, 2014, p. 87-128.

<sup>13</sup> Para uma leitura atenta às modificações promovidas por Meschonnic em sua disputa contra Derrida – além de sugestões sobre suas motivações – cf. SILVA, -, p. 3-6.

<sup>14</sup> Seja em suas intenções agônicas para com o texto de Nabil Araújo e “as tendências críticas pós-modernas (o estruturalismo e o pós-estruturalismo)”, seja em suas intenções reverenciais para com Ian Watt, Erich Auerbach, Sandra G. Vasconcelos e José Guilherme Merquior.

SAÏD, Roberto & SÁ, Luiz Fernando Ferreira. *Jacques Derrida: Entreatos de Leitura e Literatura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, p. 87-129.

\_\_\_\_\_. O postulado do “realismo formal” no Brasil: da tautologia nacional à profissão de fé. *O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 139-156, 2015a.

\_\_\_\_\_. Do romance: entre a “lei do gênero” e a “lei do gênio”. *Eutomia: Revista de literatura e linguística*. Recife, v. 16, n. 1, p. 118-136, 2015b.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Aquiles e Ulisses no livro III da *República*. Artigo inédito (-\*), p. 1-15.

\_\_\_\_\_. Melhores pedaços de carne e taças cheias: o banquete homérico sob o signo da coragem em *República V* (468 d2-3 e 468 e1). Artigo inédito (-\*\*), p. 1-10.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BAKHTINE, M. *Problèmes de la poétique de Dostoïevski*. Paris : L’Âge d’Homme, 1970.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. In: \_\_\_\_\_. *Ficciones*. Madrid: Alianza Editorial Madrid, 1971, p. 47-60.

COMPAGNON, A. *O trabalho da citação*. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FERNANDES, M. R. C.; ALVES, L. A.; GIL, F. C. Apresentação. *O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 5-13, 2015.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Odisseia*. Trad de Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

MURRAY, P. *Plato on poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PLATÃO. *A República de Platão*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, R. Lendo a citação (*Críton*, 43d1-44b5): “Vou-me embora pra fértil Phthía...”.  
*Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 173-194, 2015.

\_\_\_\_\_. Poesia à deriva: Derrida e a poesia?. Artigo inédito (-\*), p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Deslendo a citação (*República*): de Platão a Homero. Artigo inédito (-\*\*), p. 1-14.